



RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

Escola promotora de saúde: prevenção e redução de danos dos problemas relacionados ao uso de drogas

School promoting health: Prevention and harm reduction of drugs

Martha Malaquias da Silva

Mestranda no programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (Profsocio) na associada Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf); graduada em Ciências Sociais Licenciatura (Univasf).

E-mail:

marthamalaquias@outlook.com

Simone Mara da Silva

Mestranda no programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (profsocio) na associada Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf); graduada em Pedagogia Licenciatura na Universidade de Pernambuco (UPE).

E-mail:

mara.simonesilva6@gmail.com

Resumo

A questão das drogas está entre as tantas problemáticas que permeiam o espaço escolar e na recente história das relações em torno destas substâncias seus usuários são vistos principalmente de forma depreciativa. Nesse artigo apresentamos o relato de experiência da oficina de formação de professores realizada em uma escola pública do município de Petrolina-PE. A proposta da oficina surgiu a partir da demanda da escola em questão sobre as práticas de abordagem da temática drogas e a forma de acolhimento ao estudante usuário. Foi realizada no ciclo de formação de professores, já definido no calendário escolar da instituição, organizado pelas educadoras de apoio pedagógico. Para a oficina foram mobilizados teóricos das ciências sociais, o processo foi registrado em diário de campo, assim como foram feitas entrevistas episódicas. Destacam-se os resultados: os estudantes detêm conhecimento prévio e o interesse pelo tema; expressões proibicionistas e patologizantes nas considerações dos professores; e falas que indicam rompimento com essas lógicas. O encontro foi considerado importante para os professores na perspectiva da desnaturalização e ampliação do olhar sobre o tema.

Palavras-chaves: Escola Promotora de Saúde. Ciências Sociais. Formação de Professores. Drogas na Escola. Redução de Danos.

Abstract

The drug issue as many other problems can often be observed in educational environments and due to a more recent denigration of drugs and its users are seen mainly in a derogatory way. In this article we present the report of the teacher training workshop held at a public school in the city of Petrolina-PE. To make it possible theorists from the social and human sciences were involved, the process was recorded in a field diary, and also interviews. The knowledge and the student's interest on the subject, prohibitionist and pathologizing expressions in the teacher's considerations and statements that indicate a disruption with these logics was highlighted in the results. The meeting was considered important for the teachers as it contributed for a more natural and broadening way to speak about the subject.

Keywords: School promoting health. Social Sciences. Teacher Training. Drugs at school. Harm Reduction.

Introdução

O presente artigo é um relato de experiência e foi construído nos contextos das disciplinas Metodologia do Ensino, Teoria das Ciências Sociais II e Sociologia da Educação do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – Profsocio. Aqui apresentamos o resultado da promoção de uma oficina de formação de professores a partir das contribuições das ciências sociais na compreensão da temática drogas e suas contribuições para a Redução de Danos – RD no acolhimento a estudantes usuários de drogas.

A escolha do tema, para além dos nossos interesses de pesquisa no Profsocio, surgiu da vivência de uma de nós na atuação profissional como Educadora de Apoio em uma escola pública no município de Petrolina – PE. O educador de Apoio na rede estadual de educação de Pernambuco atua na organização do trabalho pedagógico da instituição com vistas ao fortalecimento do processo ensino-aprendizagem (PERNAMBUCO, 2019).

Não é raro na experiência escolar nos depararmos com situações que demandam a mobilização de outros conhecimentos além daqueles que já dispomos e em muitas ocasiões a tomada de decisão para a ação diante dessas situações se tornam urgentes. Assim, a fim de atuar efetivamente diante de questões que

permeiam os processos ensino-aprendizagem, buscamos firmar parcerias com outras instituições, governamentais e não governamentais, para compartilharmos os desafios que estamos vivenciando e construir novas compreensões e possibilidades de ações.

Diante do aumento dos relatos de depressão e automutilação entre os estudantes da escola convidamos a psicóloga do Núcleo de Apoio a Saúde da Família Atenção Básica – Nasf-AB para uma roda de conversa com estudantes em sofrimento emocional. Os Nasfs¹ foram instituídos em 2008 pelo Ministério da Saúde, como dispositivo da atenção primária em saúde, são equipes multiprofissionais que trabalham de forma integrada às equipes de Saúde da Família – eSF, com as equipes de atenção básica para populações específicas e com o Programa Academia da Saúde. Entre seus objetivos está a ampliação e qualificação de ações territoriais, assim realizam ações intersetoriais com foco na promoção de saúde.

Após o encontro com os discentes também ocorreu, em outubro de 2019, um com os docentes, foram discutidos automutilação, depressão, suicídio, uso abusivo de drogas, entre outros temas de saúde mental. Nesse episódio a RD foi apresentada como uma das formas de ação junto aos usuários de drogas.

Enquanto a psicóloga trazia as possibilidades de atuação a partir da RD, uma das professoras fez o seguinte questionamento: “como é que nós, profissionais da educação, podemos trabalhar com o nosso estudante o tema drogas a partir da perspectiva da redução de danos, de forma que ele compreenda que nós não estamos influenciando-os a fazer o uso de substâncias psicoativas? Eu pergunto isso, porque o estudante pode fazer essa interpretação e levar a informação de forma equivocada para os pais e isso gerar um sério problema para o professor e para a escola”.

Após essa indagação, alguns professores se manifestaram concordando com a colega. A psicóloga que no momento tratava do assunto, explicou de que maneira poderíamos trabalhar essa questão, dando algumas dicas na forma de abordagem. Contudo, percebemos que apenas aquele momento não seria suficiente para que fosse possível os professores levarem para a sala de aula o debate sobre o uso abusivo de drogas na perspectiva da redução de danos.

¹ Disponível em: <http://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/saude-da-familia/nucleo-de-apoio-a-saude-da-familia-nasf>. Acesso em: 10 de fev. 2022.

Mediante essa atuação da equipe do Nasf-AB na instituição, que teve como objetivo aproximar os profissionais da educação ao conhecimento dos transtornos psíquico-emocionais que tem afetado a saúde mental dos estudantes, culminando em dificuldades nas relações de ensino-aprendizagem, surgiu o interesse na construção de uma oficina de formação para professores intitulada “Escola promotora de saúde: prevenção e redução de danos dos problemas relacionados ao uso de drogas”, que ocorreu em novembro de 2019, em uma escola de ensino fundamental séries finais e ensino médio na zona oeste de Petrolina-PE. Fomos proponentes e mediadoras da oficina.

A oficina foi oferecida a todo o corpo de profissionais de educação atuantes na instituição. Aconteceu dentro do ciclo de formação comumente realizado pelo setor de apoio pedagógico e seu ponto de partida foram as contribuições das ciências sociais para o tema abordado. Uma pista para as possibilidades de atuação de cientistas sociais na educação escolar para além do ensino de sociologia, já que é uma área de conhecimento que se debruça na compreensão das mais diversas relações sociais que adentram esse âmbito na interação dos que o fazem cotidianamente. Sobre ocupar o local de contribuição na formação continuada de profissionais ou no ensino de sociologia no ensino médio concordamos com Silva quando a autora destaca que

Os pressupostos teóricos e metodológicos para o ensino de sociologia devem ser buscados no acúmulo de elaborações da ciência, ou seja, nesses cento e cinquenta anos (mais ou menos) de construção da sociologia, o volume de pesquisas e teorias produzidas criou lógicas e formas de pensar fenômenos sociais que nos informam sobre modos de pensar sociologicamente. Vários temas foram trabalhados por grandes pensadores, que se tornaram clássicos e que são recorrentes nas pesquisas contemporâneas (SILVA, 2009, p 19).

Compreendemos que o ensino de sociologia na educação básica é o espaço para lecionar as três grandes áreas das ciências sociais, portanto é imprescindível também a mobilização da antropologia e ciência política na seleção de conteúdos e na inventividade de métodos de ensino nesse escopo.

Participaram da oficina 27 profissionais da educação entre professores dos diversos componentes curriculares, gestor, gestor adjunto, secretária, instrutor e intérprete de libras. Como metodologia para a realização da oficina, iniciou-se com a prática social inicial do conteúdo que, conforme Silva,

[...] consiste no primeiro passo que o professor mediará entre os alunos e os conhecimentos, pois nessa fase, o professor deve buscar compreender as práticas sociais dos sujeitos do conhecimento, os alunos. Assim, o professor informa sobre os objetivos dos conteúdos a serem trabalhados e inicia a contextualização dos conteúdos, identificando o que os alunos já sabem sobre os temas e o que eles gostariam de saber mais. (SILVA, 2009, p. 26).

Embora Silva indique essa prática para abordagem dos conteúdos para estudantes na educação básica, concordamos em aplicá-la na oficina porque um dos objetivos era identificar o que os profissionais já sabiam sobre o tema proposto. Assim, partimos da seguinte indagação: para vocês a palavra droga remete à que? A partir da indagação proposta, se deu a explanação dialógica do tema, momento em que as autoras fizeram uma incursão histórica sobre como as substâncias psicoativas estiveram e estão presentes em diversas sociedades e culturas a partir do livro *A História Elementar das Drogas* do jurista, historiador e sociólogo Antonio Escohotado (2004). Foram discutidas as noções de “Estigma” e “identidade deteriorada” a partir do livro *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* do Cientista Social Erving Goffman ([1963] 1981); “desvio”, e “profecia auto realizadora” de acordo com o livro *Outsiders - estudos de sociologia do desvio* do sociólogo Howard S. Becker ([1963] 2008); até a abordagem da RD. Acerca da RD, Andrade afirma que

[...] não é um conceito de consenso na literatura ou entre os técnicos que o operacionalizam; entretanto é de fácil definição a partir de suas práticas: trata-se de ações que visam minimizar riscos e danos de natureza biológica, psicossocial e econômica provocados ou secundários ao uso/abuso de drogas sem necessariamente requerer a redução de consumo de tais substâncias (ANDRADE, 2004, p. 88).

É preciso reconhecer que a redução de danos é um campo com interface entre a saúde pública, a psicologia e as ciências sociais, com várias construções discursivas e práticas sendo reivindicadas (RUI, 2014).

A oficina teve uma duração de quatro horas. Fechamos a atividade com exibição do vídeo “Cordel do Cuidado” que retoma de forma lúdica o percurso teórico da oficina, enfatizando os resultados de uma abordagem pautada no proibicionismo e outra no cuidado em saúde.

Posteriormente foi gravada entrevista episódica com intenção de somar a avaliação sobre a oficina. Os entrevistados foram um professor de sociologia com formação em história e uma instrutora de Libras, que aqui serão chamados de Peyote

e Papoula, respectivamente. Nas entrevistas os convidamos a falar sobre episódios em que a temática drogas surgiu na escola e como foi experienciar a temática drogas e Redução de Danos no ciclo de formação de Professores da instituição. Sobre entrevista episódica trata-se de instrumento da pesquisa qualitativa que explora a narrativa construída pela união do conhecimento episódico com o conhecimento semântico do narrador (FLICK, 2002).

Pistas para contribuição das ciências sociais nos diálogos sobre o fenômeno dos usos de drogas na educação básica

A demanda de saber lidar com estudantes usuários de drogas na escola não é isolada, porém nem sempre aparece como carência de conhecimentos específicos sobre a temática, pois facilmente é acolhida pelo corpo escolar como sintoma de violência ou adoecimento que devem ser delegados aos serviços de segurança ou saúde sem problematizar como tais reações do sistema educacional são constituídos e constituem os anseios coletivos do que é entendido por segurança pública, saúde e educação. Ao olharmos precisamente para a escola, historicamente ela se insere nessa temática sob o véu da prevenção do uso. A difusão de tal postura pode ser compreendida ao olharmos para o investimento da Organização das nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) na estratégia de diminuição da demanda por consumo de drogas a partir de 1970. A instituição proporcionou que abordagem preventiva fosse discutida por especialistas de diversos países, considerando um caminho a ser seguido mundialmente, tornando a escola o espaço privilegiado para a implementação de atividades preventivas, objetivando uma educação para a saúde. (MOREIRA, SILVEIRA e ANDREOLI, 2006). Nesse sentido há um reconhecimento formal que há intersecções entre saúde e educação. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN essa intersecção é reforçada a partir da promoção de saúde, indicando que

A promoção da saúde ocorre, portanto, quando são asseguradas as condições para a vida digna dos cidadãos, e, especificamente, por meio da educação, da adoção de estilos de vida saudáveis, do desenvolvimento de aptidões e capacidades individuais, da produção de um ambiente saudável, da eficácia da sociedade na garantia de implantação de políticas públicas voltadas para a qualidade da vida e dos serviços de saúde. (BRASIL, 2006, p.255)

A questão das “drogas” está no PCN Saúde e tem sido trabalhada nas escolas, mas de forma precária. Ou seja, só é abordada quando ocorre algum evento envolvendo o uso de determinadas substâncias psicoativas por algum estudante incorrendo em ações imediatas de punição como suspensão e/ou expulsão e, a fim de livrar os demais discentes desse “mal”, convida-se “especialistas” (ex-usuário ou policial) para falar para os alunos sobre o tema drogas (COSTA, 2016). Nessa metodologia, os estudantes apenas ouvem os “especialistas” e o conhecimento dos sujeitos “ouvintes” são desconsiderados. Geralmente, nessa prática, o discurso segue a postura tradicional da guerra às drogas, baseada no slogan “diga não às drogas” e pautada em ações de transmissão passiva de informações (MOREIRA, SILVEIRA e ANDREOLI, 2006).

Os discursos de prevenção do uso que intencionam que diante das oportunidades de consumo das substâncias psicoativas o estudante se abstenha, desconsideram os conhecimentos já adquiridos pelos discentes sobre as drogas e se alinham com as políticas proibicionistas. Proibicionismo se refere ao paradigma antidroga nas políticas de Estado que se baseia no enfrentamento às substâncias psicoativas, traçando ações jurídicas de repressão e interdição, assumindo contornos bélicos para lidar com o problema. Esse paradigma alçou narrativas que tomaram as mídias contribuindo com uma cruzada contra os usuários (MARTINEZ, 2016).

Expressões e posturas que coadunam com as expectativas proibicionistas foram percebidas durante a oficina. A exemplo de alguns termos ditos ao início da ação sobre a palavra “droga”: “dizer o não”, “violência”, “vício”, “fuga”, “fragilidade”, “nóia”, “destruição familiar”, “influenza”, “morte”, “polêmica”, “escuridão” e “drogas horríveis”. Essas interpretações compartilhadas por parte dos profissionais podem incorrer em implicações na trajetória escolar dos estudantes, pois todo atributo negativo associado as drogas são transferidos para as pessoas que as usam, mesmo que esse uso não seja real, mas uma acusação, se passa a ter determinadas expectativas sobre a figura do “drogado”.

A noção de estigma de Goffman ([1963] 1981) e de desvio de Becker ([1963] 2008) corroboram na desnaturalização destas interpretações e das relações em torno das pessoas que fazem uso de drogas. O estigma é o atributo depreciativo que classifica uma pessoa de tal modo a reduzi-la a essa característica, é uma categoria

relacional, pois o que é considerado depreciativo depende de um contexto em que tal atributo é considerado desonroso.

Outro indício de como o estigma atua em uma sociedade proibicionista foi a recepção no desenrolar da oficina. Apesar de toda fundamentação teórica ter sido evidenciada com o nome dos autores, suas colocações acadêmicas e importância de suas obras a exposição do conteúdo foi recebida como opinião por alguns profissionais diante da atribuição de poder de agência em si mesma às substâncias psicoativas, havendo reiteração por parte do público, por exemplo, que as drogas destroem famílias.

Becker ([1963] 2008) foi mobilizado na oficina com o objetivo de abarcar a importância de olhar para as reações diante dos usos de drogas e como estas reações podem dificultar a vida de quem é acusado. O autor traz que o desvio se constituiu nas aplicações de sanções as infrações das regras criadas em grupos sociais, ou seja, não se trata de uma característica da personalidade de quem pratica um ato infracional, nem do ato em si, mas do rótulo de desviante ter sido imposto com sucesso a uma pessoa. Desse modo só é possível compreender como o desvio opera olhando para as reações diante de uma possível infração, já que para ser visto como desviante não precisa necessariamente ter cometido uma infração, mas ser acusado com sucesso. Becker ([1963] 2008) acrescenta que uma vez rotulado ocorre uma profecia auto realizadora, onde toda expectativa negativa sobre a pessoa rotulada acaba sendo vivenciada por ela, já que o comportamento das pessoas que julgam tende a exclusão.

É importante frisar que tais reações devem ser investigada de maneira interseccional, observando as questões de raça, gênero e classe, que não escapam a estas relações. Como destaca Rodrigues (2008) o proibicionismo fracassou em extirpar determinadas substâncias psicoativas do mundo, mas se despontou eficaz no controle e aprisionamento de pessoas, principalmente negras e pobres.

Outro relato que ocorreu durante a oficina foi o da professora de Língua Inglesa, que também se identificou como escritora da polícia civil de outro estado, mencionou que durante a culminância de projeto realizado na instituição, momento em que um grupo de estudantes apresentava o resultado de uma pesquisa sobre drogas, dirigiu-se a eles interpelando-os sobre a origem da expressão “trouxinhas” com referência às trouxinhas de maconha. A professora relatou que explicou aos

discentes que é dessa forma que os traficantes se referem aos usuários, ou seja, chamando-os de “trouxas”, o que foi ratificado por ela durante a sua fala. Aqui, é possível identificar a prática proibicionista pautada pela pedagogia do terror e do medo (COSTA, 2016) que tem como ênfase o “amedrontamento em relação aos tidos como inevitáveis males físicos, psíquicos e sociais causados pelas drogas, sempre colocadas enquanto verdadeiros ‘agentes do mal’” (Ibd. p. 31).

Os estudantes apresentarem pesquisa sobre drogas é um indicativo da permanência da temática na escola. Soma-se a isso outros relatos de profissionais que trabalharam o tema drogas ao serem convocados pelos alunos, seja devido a ocorrência de um episódio de uso ou com propósito de adquirir conhecimento sobre o assunto. A esse respeito a professora de ciências destacou que levou a temática para a sala de aula devido a um caso de aluna que estava embriagando-se com frequência e que os estudantes apresentaram na aula diversas substâncias que ainda eram desconhecidas por ela.

Por sua vez o professor de química expôs que trabalhou com a temática droga após a demanda ter surgido por parte dos discentes em outra instituição em que também leciona. Aqui é possível perceber que os estudantes têm interesse pelo tema e detêm conhecimentos sobre. A professora de língua portuguesa relatou que orientou o grupo que desenvolveu a temática droga durante o projeto acima mencionado e fez referência à fala de um dos alunos quando este foi indagado por um visitante acerca dos “sintomas” das drogas, momento em que o estudante deu a seguinte resposta: “não existe sintoma porque não é doença”. Acerca da metodologia e conteúdos adotados para discorrer sobre a temática, apenas o professor de sociologia relatou na entrevista

[...] você ouvindo alguns alunos falarem, ou algum deles fazendo referência a algum tipo de evento que ouve no próprio bairro e aí você passa a falar com eles, a forma de como são os efeitos, as consequências, e aí em algumas situações ter algum material ou texto que às vezes faz menção e aí você aborda a questão. (PEYOTE, ENTREVISTA EPISÓDICA, 2019).

Sobre os materiais mencionou

Às vezes você tem um texto histórico sobre, por exemplo: a forma como as tribos nativas utilizavam algum tipo de princípio alucinógeno dentro de alguns rituais, como era lidado, aí a gente passa a ver hoje, porque se

considera muito mais proibitivo e aí a gente vai conversando. (PEYOTE, ENTREVISTA EPISÓDICA, 2019).

É possível identificar nas falas apresentadas dois importantes aspectos acerca de conteúdo e material didático: o primeiro aspecto com relação a conteúdo refere-se à inserção do tema drogas como conteúdo devido à demanda do aluno, apesar da abordagem sobre o tema ser constituída como obrigatória (BRASIL, 2006); o segundo aspecto diz respeito ao material didático utilizado pelo professor que não ficou evidente se trata-se de texto constante no livro didático ou de outra fonte.

As colocações dos profissionais na oficina nos mostraram também que o fenômeno do consumo de drogas é compreendido para além da faceta proibicionista da droga causadora de contextos violentos e de usuários sem autonomia, passando pela patologização dos que usam drogas: “depressão”, “alucinação”, “dependência”, “bioquímica”, etc. Olhar para as drogas pelo viés da patologização e da medicalização ignora a variedade social e histórica do consumo de drogas e facilmente incorre em tomar todo usuário de droga como portador de algum sintoma psiquiátrico e o prazer proporcionado pelo consumo como algo negativo e ilusório na iminência de vivenciar um “[...] perigo de um efeito temporal funesto” (FIORE, 2008, p.145) como traz Fiore ao discutir as noções de prazer e risco em uma sociabilidade em que os dilemas dos saberes médicos e suas prescrições são compartilhados por pessoas leigas como valores fundamentais. A criminalização, a medicalização e a moralização têm sido as formações discursivas que fundamentam a discussão sobre as substâncias psicoativas classificadas como drogas e formam um aparato de expectativas sobre as identidades dos usuários ou sobre que tipos de relação podem ser estabelecidos com a substância, a esse respeito:

[...] eu já trabalhei com alunos surdos que eram usuários de droga, como conscientizar aqueles alunos que aquilo pra eles estava trazendo malefício, então hoje na formação eu percebi que isso não cabe a mim, dizer a ele que aquilo é algo ruim pra ele, mas estimular e fazer com que ele chegue a essa visão [...] (PAPOULA, ENTREVISTA EPISÓDICA, 2019).

A fala de Papoula demonstra a percepção do uso de drogas como algo maléfico em si, detém-se a reconhecer apenas as possibilidades de danos, anulando a complexidade biopsicossocial que permeiam as relações de usos de drogas.

Por outro lado, há indícios que há professores que estão rompendo com a naturalização do proibicionismo. Houve emprego de termos como: “saúde”,

“preconceito”, “desmistificar”, “desnaturalizar”, “discriminação”, “injustiça”, “legalização”, “descrição”, “bom ou ruim”, na referência ao termo droga. Palavras que sinalizam que há algo além do aparente e difundido sobre as identidades das pessoas que fazem uso de drogas e uma expectativa pela mudança nos olhares sobre usuários, inclusive juridicamente. Soma-se a isso o relato de uma professora que trouxe que as drogas são tidas como um “tabu”, assim como as “questões LGBT’s”, que precisavam ser “desnaturalizadas” e perceber outras características e que seu contato com sociologia devido ao mestrado contribuiu para ampliação desse olhar.

Os entrevistados relataram como foi experienciar a temática drogas e Redução de Danos no ciclo de formação de professores. Como ilustrado na fala abaixo, a oficina possibilitou aos professores reflexões para além do senso comum que coloca a questão das drogas no lugar moralizante e estigmatizante.

Acho o seguinte, que você abordar essa questão é justamente de você desnaturalizar essa questão da droga, Você não tem aquele impacto de algo que é nocivo, que é ruim que não presta, é o não cair exatamente nos estereótipos que são construídos e aí eu tratar meu aluno segundo esse estereótipo, mas é justamente de entender quais são os dilemas que levam ao consumo dessa droga? E não tá reproduzindo justamente eu estar segregando meu aluno em sala de aula ou penalizando por que ele consome, mas tentar escutar, entender e ajudar da melhor forma possível para que isso surta o efeito mais positivo na vida dele. (PEYOTE, ENTREVISTA EPISÓDICA, 2019).

Como trazido na fala supracitada, o reconhecimento dos condicionantes sociais e dos fatores que envolvem esta discussão, mobiliza a necessidade de repensar a prática docente tomando como horizonte o reconhecimento e a problematização de posturas excludentes, como podemos observar também na fala abaixo:

Eu achei fantástico, fantástico por que assim, somos educadores e temos vertentes como foi dito hoje, quando a gente vê a parte história a gente percebe que a nossa formação ela passa por uma poda e fez com que muitos professores hoje vissem a droga... Vocês usam uma palavra que era fantástica só que eu não decorei, pra... politi... como é? [...] Proibicionista, pronto, é essa palavra, proibicionista, nós passamos por essa formação proibicionista, então qualquer pessoa que aborde o outro lado da legalidade, da legalização a gente já começa a estigmatizar “é um maconheiro, é um usuário, a ele...” né? Então eu achei fantástico por que vocês abordaram isso e nós percebemos que dentro do espaço de educação tinham várias vertentes, cada um defendendo seu ponto de vista e em alguns momentos esses próprios profissionais eles repensaram acerca do preconceito que ele mesmo tem acerca do assunto, então eu achei... Adorei a formação hoje, achei que ampliou muito o olhar dos educadores acerca desse assunto, a gente viu também que a droga não é só esse lado como as pessoas pregam sobre isso, eu até falei sobre isso que enquanto professora já cheguei a fazer projeto na escola “droga é uma droga”.

Então a gente percebe que desde muito cedo a gente só escuta o lado negativo, mas a gente precisa nem tomar partido de positivo ou negativo, mas explicar com teoria, com fundamentação teórica o que é, pra que serve e cabe a cada um, a consciência de cada um o que quer para suas vidas, enfim... (PAPOULA, ENTREVISTA EPISÓDICA, 2019).

Papoula em sua fala reconhece como é importante a continuidade da formação docente em serviço frente à diversidade de eventos que impulsionam as ações da escola. Quando ela destaca que “a formação passa por uma poda” referindo-se à formação inicial, é um mote para repensar os currículos de formação universitária a partir de uma visão ampliada dos diversos atravessadores socioculturais que perpassam a escola. Ademais, podemos perceber que a oficina proporcionou uma desconstrução inicial de discursos que desembocam em práticas que costumam dificultar a vida escolar do estudante ao transferir todo arcabouço depreciativo atribuído às drogas para os alunos.

Considerações finais

A escola como espaço de formação, principalmente de uma parcela jovem da sociedade, tem sido colocada frente a situações complexas que exigem repensar estratégias e se modificar frente suas questões cotidianas. A vivência relatada neste artigo confirma a importância de romper com as corriqueiras abordagens sobre a temática drogas sob o prisma da punição e das narrativas proibicionistas que omitem conhecimentos produzidos cientificamente e continuam a cercear o direito a educação de jovens estudantes, sejam através de expulsão ou minando a sociabilidade escolar com expectativas negativas sobre supostos usuários de drogas.

A oficina convocou os educadores a pensar como fenômenos sociais podem facilmente não serem acolhidos como conteúdo curricular ou transversal, mesmo que estejam preconizados, por envolver questões que são moralizadas socialmente. Ao adotarmos uma postura da pedagogia da autonomia baseada em Paulo Freire (2014), possibilitamos o encontro com profissionais apostando na prática dialógica e na construção autônoma do conhecimento o que provocou o repensar de ideias e a reflexão da prática docente no que tange ao tratamento das questões das drogas como conteúdo a ser abordado pelos profissionais nas salas de aulas e nos demais espaços da escola. Consideramos que houve um impacto profícuo da ação realizada na instituição, evidenciada inicialmente nas falas dos entrevistados e em conversas

informais com outros participantes a exemplo da fala de uma professora de português e arte que destacou que a formação contribuiu para que, entre os profissionais, fosse vista a diversidade de formas de ver o tema.

A ação foi direcionada para os profissionais da educação da instituição, mas devemos lembrar que se trata de um assunto que mobiliza diversas compreensões e sentimentos na comunidade escolar, que inclui pessoas que se envolvem diretamente e indiretamente com a instituição, a exemplo dos pais. Desse modo não se esgotam aqui as possibilidades dessa discussão, embora os resultados desse empreendimento tenham se revelado positivos, compreendemos que ainda há caminhos a serem percorridos nesse debate.

Bibliografia

ANDRADE, T. M. Redução de danos: um novo paradigma? In: ALMEIDA, A. R. B. de. et al. (Orgs.). *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo* (pp. 87-95). Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA. 2004.

BECKER, H. S. *Outsiders – Estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Estratégia Saúde da Família (ESF): Núcleo de Apoio à saúde da Família*. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/saude-da-familia/nucleo-de-apoio-a-saude-da-familia-nasf>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Saúde*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2006.

COSTA, José Hermógenes Moura da. *De “Futuro do País” a um “Problema Social”*: estudo sobre a construção da identidade social do drogado em escolas do ensino médio. 2016. 256 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

IORE, M. Prazer e Risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre o uso de “drogas”. In: IORE, M. et al. (Org.), *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008. p.141-153.

FLICK, Uwe. Entrevista Episódica. In: BAUER, Martin e GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis. Ed. Vozes. p.114-136, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 48ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2014.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC. 1981.

MARTINEZ, M. M. *Redes do cuidado: etnografia de aparatos de gestão intersetorial para usuários de drogas*. 2016. 294f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos – SP, 2016.

MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X. da.; ANDREOLI, S. B. Redução de Danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. In *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 11, n. 3, p. 807-816, 2006.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. *Instrução Normativa SEE n° 02 de 02 de agosto de 2019*. Dispõe sobre a função de educador de apoio nas escolas da rede estadual de ensino do Estado de Pernambuco. Diário Oficial de Pernambuco. Poder Executivo. Ano XCVI N° 145 - 5. Recife (PE).

RODRIGUES, T. Tráfico, guerra, proibição. In: FIORE, M. et al. (org.), *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 2008. P.91-104.

RUI, Taniele. *Nas tramas do crack: etnografia da abjeção*. São Paulo. Terceiro Nome, 2014.

SILVA, ILEIZI L. F.; Metodologias do Ensino de Sociologia na Educação Básica: aproximações com os fundamentos pedagógicos. In: SILVA, ILEIZI L. F. (org.). *Cadernos de Metodologias de Ensino e de Pesquisa de Sociologia*. Londrina, p. 15-35, 2009.

Recebido em: 18 de set. 2020.

Aceito em: 10 de dez. 2022